



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM CRIANÇAS EM TRATAMENTO ONCOLÓGICO¹

Luísa Helmer Trindade,

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Raquel Firmino Magalhães Barbosa,

Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Bela Vista (IFMT)

André da Silva Mello,

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

RESUMO

Discute o trabalho da Educação Física com crianças em tratamento oncológico. Trata-se de uma Pesquisa-Ação Colaborativa, com crianças entre 4 e 16 anos. Os dados produzidos foram sistematizados em três categorias: brincar planejado em conjunto; tempo do brincar; e agências infantis no brincar. Aponta para a construção coletiva no planejamento e o reconhecimento das crianças como agentes de si e produtoras de cultura, dando visibilidade ao que é criado e ressignificado por elas.

PALAVRAS-CHAVE: trabalho pedagógico; crianças com câncer; educação física.

INTRODUÇÃO

O campo da Educação Física (EF) tem apresentado um cenário de incipiência nas produções acadêmico-científicas no que diz respeito ao brincar com as crianças em tratamento oncológico (TOLOCKA *et al.*, 2019). Desse modo, pouco se discute sobre a organização pedagógica para o trabalho da EF com esse público-alvo, e nas discussões encontradas, percebemos ênfase na adesão ao tratamento, deixando à margem o direito social de brincar, garantido às crianças.

Em relação a essas crianças, o brincar tem um valor singular, pois, por meio das atividades lúdicas, elas são capazes de ressignificar situações adversas decorrentes da enfermidade, potencializando momentos de alegria, fantasia e esperança, trazendo assim novos sentidos ao momento que estão passando (GALVÃO, 2019). Portanto, a partir das experiências no Projeto Brincar é o Melhor Remédio (PBMR), objetiva-se discutir a

¹ O presente trabalho contou com apoio financeiro da CAPES (2019-01/nº 88882.385110) para sua realização.



organização do trabalho pedagógico da EF com crianças em tratamento oncológico, considerando as suas agências e produções culturais.

METODOLOGIA

O percurso metodológico caracteriza-se como Pesquisa-Ação Colaborativa (IBIAPINA, 2008) com coprodução de saberes e reflexões, perspectivando transformar uma dada realidade. A pesquisa ocorreu na Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil (ACACCI), por meio das mediações pedagógicas do PBMR, com 61 crianças entre 4 e 16 anos. Dos dados produzidos pela observação participante e registrados em diário de campo, emergiram três categorias: brincar planejado em conjunto; tempo do brincar; e agências infantis no brincar.

BRINCAR PLANEJADO EM CONJUNTO

Na busca pelo trabalho pedagógico da EF neste contexto, tornou-se apropriado refletir sobre cuidados necessários para o desenvolvimento de um planejamento sistematizado e que considerasse as particularidades das crianças enfermas, como o estado físico e emocional, o desejo de não brincar, a frequência irregular e, muitas vezes, a observação como uma maneira de interação com os sujeitos nas ações pedagógicas. Assim, tornou-se imprescindível que o planejamento fosse flexível e que houvesse reavaliações constantes durante todo o processo, adotadas a partir das enunciações infantis.

Seguindo esse propósito, a sistematização do planejamento se construiu de forma coletiva com as crianças, no qual nem todas as brincadeiras eram definidas *a priori*. No entanto, foi no cotidiano e estabelecendo uma escuta sensível que foi possível observar e interagir com elas e perceber seus interesses para compor e enriquecer as temáticas nas ações pedagógicas, como pôde ser observado nesse relato:

Ao perceber que a criança teve o interesse despertado pelo Nintendo Wii, foi incentivado que ela escolhesse um dos jogos. O golfe foi o jogo escolhido e logo ela captou como brincava. Ao vivenciar a experiência com a criança, percebeu-se que ela estava roendo as unhas de tão ansiosa e fascinada pelo jogo (DIÁRIO DE CAMPO, 14-8-2019).

A vivência mostrou que as pistas deixadas pela criança, indicam práticas embasadas no diálogo, na relação horizontalizada e na escuta/olhar sensível (REDIN, 2009). Nesse processo, foi possível registrar essas informações para a construção do planejamento. É

importante frisar que as experiências brincantes, sobretudo, aquelas que nunca tinham experimentado antes, modificam suas vidas com as sensações que a brincadeira proporciona e, também, como uma maneira de viverem outras realidades, que são próprias da infância e do jogo (BROUGÈRE, 2004).

Do mesmo modo, a relação com o saber auxiliou o processo de ensinar e aprender de quem está envolvido na ação, principalmente a forma como o sujeito se relaciona com o mundo, “[...] permitindo compreender como o sujeito se constitui e transforma a si próprio, indissociavelmente humano, social e singular” (CHARLOT, 2005, p. 41). Essa dinâmica envolveu um movimento a partir de algo que a impulsiona, neste caso, foi no Nintendo Wii que o levou a pôr-se em movimento e enfrentar o obstáculo de nunca ter jogado algo tão desafiador. Deste modo, a temática tecnologia na brincadeira se configurou como grande aliada para pensarmos o planejamento das ações, buscando garantir momentos de prazer, de entusiasmo e de aprender algo novo entre os pares.

TEMPO DO BRINCAR

O tempo Khrónos, estabelecido pelo relógio, perpassa o cotidiano de todos os sujeitos, inclusive das crianças com câncer. Nas mediações pedagógicas do PBMR, o tempo aiônico, que é próprio da criança, proporciona espaço-tempos de prazer, de espontaneidade e que segue uma lógica própria: a da ludicidade (KOHAN, 2020).

No PBMR, havia uma grande rotatividade de crianças e diferentes tempos de permanência na brinquedoteca, especialmente, por conta dos tratamentos e das fragilidades dos sujeitos. Mesmo assim, elas ficavam nesse espaço interagindo com brinquedos, com seus pares e com as brincadeiras planejadas para e com elas. Ficou evidente que, mesmo por aquele período curto no PBMR, as crianças se distanciaram das limitações impostas pelo tratamento e entraram em outro tempo e espaço, revelando que elas podem encontrar uma grande fonte de prazer no brincar, conforme relato de acompanhamento de uma criança na brinquedoteca:

A criança me chamou para brincar de esconde-esconde e durante a brincadeira pediu para que trocasse a música que estava tocando. Em seguida, passou na arara de fantasias, colocou uma roupa e me chamou para brincar no escorregador que tem no espaço da brinquedoteca. Para ela, o escorregador era uma “piscina” (DIÁRIO DE CAMPO, 15-5-2019).

Observou-se que em um curto período a criança desenvolveu várias brincadeiras e não houve preocupação com o tempo Khrónos, isto é, não se ateu ao tempo das tarefas reais, mas sim, aquele que se eterniza nas ações brincantes (KOHAN, 2020). Neste caso, a duração do brincar ganhou outra dimensão, o tempo da brincadeira apresentou-se de modo singular. Pareceu que desejava fazer um pouco de tudo, ora queria brincar de esconde-esconde, ora queria estar no escorregador e, ainda, fazer outras coisas. Tudo acontecendo de maneira simultânea, interligada e vivendo o maior número de experiências possíveis naquele tempo aiónico, que é próprio da criança (KOHAN, 2020).

Assim, o desejo de brincar e transformar o espaço em que vivenciaram a experiência possibilitou que o escorregador virasse uma piscina, indicando que o brinquedo “[...] traz para a criança um suporte de ação, de manipulação, de conduta lúdica, traz-lhe também, formas e imagens, símbolos para serem manipulados” (BROUGÈRE, 2004, p. 41), despertando nela outras lógicas dentro do tempo da brincadeira.

AGÊNCIAS INFANTIS NO BRINCAR

(Re)descobrir o prazer de brincar, mesmo com todas as dificuldades do adoecimento, demonstra a força que as crianças têm em tentar melhorar a qualidade de vida delas, fundamental nesse período. Nesse sentido, reconhecer as agências das crianças no brincar é garantir as suas capacidades de agir no mundo, de exercer a sua autonomia e de considerá-las como atores sociais (SARMENTO, 2013). Assim, será possível conhecer suas capacidades sociais, de iniciativa e de protagonismo.

Diferentemente de compreender as crianças como “atores nas sombras” (DELALANDE, 2014) – que mesmo não tendo suas capacidades reconhecidas e não sendo vistas como parceiras pelos adultos, elas continuam a agir e a produzir cultura –, no PBMR, as crianças são valorizadas nas necessidades de brincar, de se socializar e de compartilhar sentidos e lógicas em seu tempo dedicado ao brincar. Assim, as agências infantis puderam ser observadas na seguinte experiência brincante:

Durante uma brincadeira, um menino foi perguntado se gostaria de construir um brinquedo e de imediato ele se interessou, dizendo que sabia fazer um carro e um barco. Então, falei para ele: “Você me ensina a fazer o que sabe e depois vou ensinar a fazer o nosso brinquedo”. O combinado foi feito e possibilitou-se que ele ensinasse o que dominava. A criança realizou o passo-a-passo da construção do barco com os sujeitos presentes e após todos finalizarem, percebeu-se que o barco tinha ficado muito grande e foi

sugerido que ele fosse um barco voador. O menino aceitou e disse como construiria as asas (DIÁRIO DE CAMPO, 31-10-2019).

Nessa experiência, foi possível acompanhar as interações infantis, suas comunicações e, também, a produção de sentidos e significados que foram construídos por meio de ações sociais e compartilhamentos brincantes. Destaca-se a relevância das enunciações para a compreensão da brincadeira e das agências infantis, que foram captadas durante a interação entre elas.

Ao se apropriarem da dobradura como um brinquedo, a imaginação fluiu e ganhou outro significado: o barco tornou-se voador. Por meio do protagonismo e da autonomia das crianças, elas foram capazes de apresentar novas “maneiras de fazer” (CERTEAU, 1994), resultando em produções culturais que não foram pensadas *a priori*. Mas, no decorrer da troca de experiências, outros encaminhamentos foram estabelecidos, gerando assim, novas maneiras de fazer e de operar com suas imaginações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa discutiu, em certa medida, a organização do trabalho pedagógico da EF com crianças em tratamento oncológico. Os resultados apontaram para a importância da construção coletiva do planejamento e da sensibilidade de ouvir, observar e dar oportunidade para que elas sejam reconhecidas como agentes de si, protagonistas e produtoras de cultura.

A importância do brincar para os sujeitos acometidos por câncer evidenciou que pode ser uma forma de aliviar o processo que eles têm que se submeter ao tratamento e, também, resgatar o prazer proporcionado pela brincadeira ao se socializar com seus pares, ao participar, compartilhar e construir brincadeiras, dentro de um tempo singular e hedonístico. Essas experiências possibilitaram dar visibilidade as criações e ressignificações delas em seus fazeres brincantes, as compreendendo como sujeitos ativos nos seus processos de socialização e considerando as diferentes maneiras de fazer e operar com seus interesses, mesmo com toda a dificuldade do tratamento.



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

THE ORGANIZATION OF PEDAGOGICAL WORK IN PHYSICAL EDUCATION WITH CHILDREN IN ONCOLOGICAL TREATMENT

ABSTRACT

Discusses the work of Physical Education with children undergoing cancer treatment. This is a Collaborative Action Research with children between 4 and 16 years old. The data produced were systematized into three categories: Playing planned together; Play time; Children's agencies in play. It points to the collective construction in the planning and recognition of children as agents of themselves and producers of culture, giving visibility to what is created and given new meaning by them.

KEYWORDS: *pedagogical organization; children with cancer; physical education.*

LA ORGANIZACIÓN DEL TRABAJO PEDAGÓGICO EN EDUCACIÓN FÍSICA CON NIÑOS EN TRATAMIENTO ONCOLÓGICO

RESUMEN

Analiza el trabajo de la Educación Física con los niños en tratamiento contra el cáncer. Es una Investigación Acción Colaborativa con niños de entre 4 y 16 años. Los datos se sistematizaron en tres categorías: juego planeado en conjunto; Tiempo de juego; Agencias infantiles en juego. Apunta a la construcción colectiva en la planificación y reconocimiento de los niños como agentes de sí mismos y productores de cultura, visibilizando lo creado y dotado de un nuevo significado.

PALABRAS CLAVE: *organización pedagógica; niños con cáncer; educación física.*

REFERÊNCIAS

BROUGÈRE, G. **Brinquedos e companhia**. São Paulo: Cortez, 2004.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELALANDE, J. Le concept d'enfant acteur est-il déjà perimé? Reflexions sur des ouvertures possibles pour um concept toujours a questionner. **AnthropoChildren**, Liege, n. 4, p. 1-8, jan. 2014.





CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

GALVÃO, E. R. **Relações pedagógicas da Educação Física com crianças e adolescentes em tratamento oncológico**. 2019. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, UFES, Vitória, 2019.

IBIAPINA, I. M. L de M. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

KOHAN, W. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa/PR, v. 15, p. 1-9, jun. 2020.

REDIN, M. M. Crianças e suas singularidades. In: MULLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 115-126.

SARMENTO, M. J. A sociologia da infância e a sociedade contemporânea. In: ENS, R. T.; GARRANHANI, M. C. **A sociologia da infância e a formação de professores**. Curitiba: Champagnat, 2013. p. 13-46.

TOLOCKA, R. E. *et al.* Brincar e crianças com câncer: que relação é esta? **Licere**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 421-444, mar. 2019.

